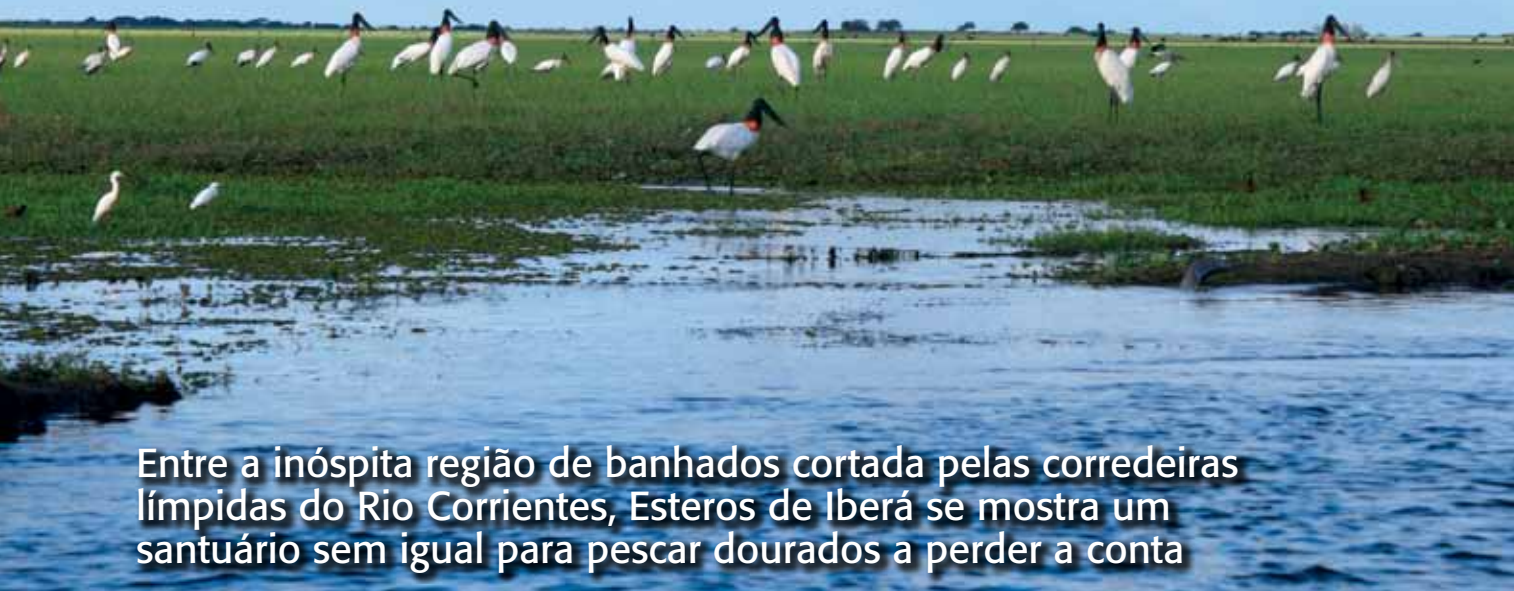


# Pantanal ARGENTINO

Texto e fotos Roald Andretta



Entre a inóspita região de banhados cortada pelas corredeiras límpidas do Rio Corrientes, Esteros de Iberá se mostra um santuário sem igual para pescar dourados a perder a conta

**"Q**ue tal inaugurar um novo lodge num local exclusivo e com a promessa da ação de dourados como em nenhum outro lugar do mundo?" Confiando na proposta irrecusável do amigo e operador de viagens Adriano Amadori, que nunca nos colocou em fria, é o tempo de arrumar as tralhas para embarcarmos numa confortável van rumo à Argentina. Comigo estão os amigos Reis e o cinegrafista "Robocop", do programa Show de Pesca, parceiros que nunca negam uma boa aventura. Os bancos leito e os DVDs de pesca a bordo fazem a viagem de doze horas parecer um passeio. Chegando ao destino, uma aconchegante casa de toras de madeira em meio a um capão de mato, a prosa continua madrugada adentro, com a calorosa recepção do nosso anfitrião Mario Battiston. O que sobra da noite passa entre sonhos





dourados até o nascer do sol.

O amanhecer revela uma paisagem surpreendente. Campos infindáveis com total ausência de mata chegam até a beira d'água. Nosso acesso ao rio é feito por um canal artificial, escavado para vencer os dois quilômetros de charco que separa o rio das terras secas onde está o lodge. Não houve nenhum tipo de desmatamento, os campos são naturais e muito preservados. Os banhados regados pelo rio de águas escuras e limpas serpenteiam em meio a pradarias encharcadas. A impressão de pouca vida desaparece de imediato. Capivaras, lebres, porcos selvagens e cervos dividem os pastos com o gado. Os jacarés aos poucos buscam o calor do sol, que ainda timidamente dissipa a névoa no horizonte. A paisagem é emoldurada por coloridos e incontáveis bandos de aves. Entre inúmeras espécies, despontam os tuiuiús, os cabeças-secas e os colhereiros. Estamos em Esteros de Iberá, o Pantanal argentino, onde nasce o Rio Corrientes.

## REGRAS RÍGIDAS

Compatível com a conservação ambiental na região, a pesca é regida por rigorosas normas. As únicas iscas permitidas são as artificiais, seja na modalidade de baitcasting ou no fly fishing. Anzóis e garateias devem estar desprovidos de farpas e a cota zero é obrigatória, não sendo admitido o abate sob qualquer pretexto, mesmo que para consumo local. Comprovando a eficiência dessas medidas de proteção aos peixes, a ação em nossa pescaria começa cedo. Basta sair do estreito canal, navegar duas curvas rio acima e o guia para o barco próximo de uma pequena vazante escorrendo do campo. Os primeiros arremessos partem com iscas de meia-água, que não conseguem nadar mais do que poucos metros para já serem atacadas por todo um cardume. O frenesi é tamanho que torna necessário fazermos uma pausa para “organizar a casa” e planejar as gravações para o programa Show de Pesca. É então que traçamos planos ambiciosos para tentar captar cenas incomuns de ataques e capturas.

## SÓ NA SUPERFÍCIE...

O primeiro desafio é pescar exclusivamente com iscas de superfície. Se a emoção na captura do dourado tem muita relação com seus saltos acrobáticos, a adrenalina é redobrada quando a batalha já começa com ataques visíveis. E se existe um local onde isso é possível, esse local é o Rio Corrientes. A ação chega a ser surpreendente, especialmente nas iscas do tipo “jumping bait”, que, além de “zarear”, têm o comportamento de sticks quando estáticas. O trabalho errático parece provocar a ira dos predadores; são investidas loucas com o peixe saltando além do plug, ataques sucessivos e, mesmo depois que um peixe é fígado, outros tentando roubar-lhe a presa.

Muito antes de serem gravadas pelas câmeras, as cenas incríveis estarão sempre em nossas memórias. Resultado: um programa inteiro



gravado em menos de meio dia, fato que, mesmo nos melhores pontos de pesca, normalmente levaria o triplo do tempo. São muitas fugas durante os saltos, mas os ataques são tantos e tão bonitos que muitas vezes torcemos pelo peixe, possibilitando novas investidas dos outros membros do cardume. Os dourados trazidos até o barco também são soltos facilmente, bastando fazer um movimento com o alicate para liberar as iscas, tornando desnecessário tocá-los com as mãos. São cuidados orientados pelos guias, sempre preocupados em preservar a saúde dos peixes.



## SÓ NO SPINNERBAIT...

Concluído o programa de superfície com folga, é hora de inventar moda. Que isca é pouco utilizada para dourados, mas pode ser muito produtiva para fisgá-los? Baseado em uma experiência de meu filho Giuliano numa viagem anterior, lembro-me dos spinnerbaits. Aproveitando uma parada para o lanche numa margem alta, apanho duas iscas e caminho alguns metros pela barranca até a curva mais próxima, onde as águas formam um redemoinho que separa uma corredeira rasa do poço mais fundo.

Depois de um lançamento que quase atravessa o rio até a outra margem, a isca passa pela transição de profundidade e velocidade das águas correntes. As duas colheres giratórias “perseguinto” o anzol enfeitado despertam o instinto mais agressivo da espécie. O dourado investe com uma determinação surpreendente. É necessário “fechar o olho” da haste do spinnerbait para que ele não se transforme num pedaço de arame



retorcido, tamanha a violência e força dos ataques. Com a confirmação das expectativas, basta mais meio dia de pescaria para que, com poucas mudanças no posicionamento da câmera, mais um programa esteja concluído, desta feita sem sair da margem.

## Tunando o spinnerbait

Destaque na pescaria realizada em Esteros de Iberá, os spinnerbaits precisavam ter o “olho” – o local onde o snap é preso ou o nó é feito – fechado para funcionar adequadamente. Modelos sem essa característica deixavam a linha correr em direção às colheres, danificando a isca e facilitando a fuga do peixe. Nos modelos com arame “aberto”, é possível improvisar enrolando uma linha de multifilamento com acabamento em múltiplos nós ou com cola de secagem rápida. Embora as colheres já sejam um grande atrativo, notou-se queda na produtividade da isca à medida que os dourados cortavam suas cerdas originais. Vale acrescentar grubs de borracha ou até cerdas usadas nos atados de fly para formar volume na isca e resgatar sua eficiência.



## ... E ATÉ NO FLY

O riso fácil do nosso cinegrafista comprova a felicidade de cumprir tão rapidamente a difícil missão de buscar boas imagens de ação para um programa de pesca. Ao invés do estresse comumente gerado em uma equipe que anseia por um bom trabalho e depende de variáveis externas, nosso clima é só de descontração. Sobra até tempo para o Reis aceitar o desafio pessoal de quebrar sua resistência à pesca de fly. Inexperiente na modalidade, segue as orientações de Adriano e dos guias Pato e Mario, numa estreia digna de nota, nota dez.

Em pouco tempo, a linha sinking tip do aprendiz faz desenhos simétricos no ar, até pousar suavemente um grande streamer na curva do rio. Alguns trabalhos com os típicos puxões manuais de linha e esta risca a água, esticando energicamente em direção à superfície. Na ponta do líder, o salto dourado parece comemorar um novo “flyzeiro” no mercado. Sem dúvida,

Esteros de Iberá também é um lugar muito especial para os adeptos da pesca com mosca. A ausência de vegetação alta nas margens e a possibilidade de pescar a partir do barranco e dos espriados obtendo muita ação tornam a região um paraíso para a modalidade.

Ao todo, somamos três dias, quatro programas de TV, centenas de fotos e incontáveis cenas de ataques e perseguições conjuntas de dourados à isca, além, é claro, das emocionantes capturas. Com toda a “quilometragem” rodada pelo continente americano atrás do rei do rio, ao longo de mais de 30 anos, jamais imaginei encontrar um lugar assim. A despeito do tamanho médio dos peixes não ser dos maiores na região, as promessas eram verdadeiras: as águas de “Esteros” possuem a maior quantidade de dourados por metro cúbico no mundo!

**Agradecimentos: Lodge Capita Mini e Ventura Tur. [www.venturatur.com.br](http://www.venturatur.com.br)**



## Equipamentos utilizados

**Para baitcasting:** varas de 6' a 6'6", classe 17 a 25 libras, de ação rápida; carretilhas de perfil baixo e recolhimento rápido, com capacidade para 100 metros de linha de multifilamento de 0,20 mm, com líder de fluorcarbono de 0,45 mm; iscas: plugs de superfície e de meia-água (com barbela curta) de 9 a 12 centímetros, e spinnerbaits de colheres duplas; empates metálicos: foram dispensados em função do tamanho médio dos dourados não ter ultrapassado a casa dos três quilos.



**Para fly fishing:** equipamento número 8, com vara de 9 pés e linha sinking de 280 grains; streamers de 10 a 15 centímetros atados em anzóis 3/0 e 4/0.

